A estruturação do ambiente para a pessoa com autismo: Um relato de experiência

Silvânia Graciele Alves*

Orientadores: Prof. Francisco Ângelo Coutinho **
Prof^a Sheilla Alessandra Brasileiro de Menezes***

RESUMO

O presente artigo é síntese do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia com Ênfase em Necessidades Educacionais Especiais, que teve como objetivo favorecer a compreensão do autista acerca das atividades diárias a serem realizadas, por meio uma agenda da rotina, em contexto escolar. O recurso de comunicação alternativa foi desenvolvido para favorecer a compreensão, por parte do autista, das atividades a serem realizadas diariamente. Para a pessoa com autismo, é fundamental a estruturação do ambiente como estratégias para reduzir os níveis de angústia, ansiedade, frustração e distúrbios de comportamento. A intervenção foi realizada em uma associação de pais de pessoas com deficiência, situada na cidade de Belo Horizonte.

Palavras-Chave: Autismo. Comunicação Alternativa. Método TEACCH.

1 INTRODUÇÃO

O Autismo infantil é uma condição crônica, geralmente severa, que compromete de maneira significativa e definitiva as áreas de interação interpessoal, comunicação e comportamento (SCHWARTZMAN, 1995). O Autismo pertence ao grupo de doenças que se caracterizam por deficiências em múltiplas áreas do desenvolvimento neuropsicomotor, incluindo perda na interação social e na comunicação, além de comportamentos, interesses e ativida-

des estereotipadas, denominado TID (Transtornos Invasivos do Desenvolvimento).

No que se refere às causas do Autismo, estas ainda permanecem desconhecidas. Acredita-se que a origem do Autismo esteja em anormalidades em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva e, provavelmente, de origem genética. Além disso, admite-se que possa ser causado por problemas relacionados a fatos ocorridos durante a gestação ou no momento do parto (MELLO, 2001).

É possível perceber algumas caracterís-

* Graduada em Pedagogia com Ênfase em Necessidades Educacionais Especiais pela PUC Minas.

** Doutor em Educação e Professor da PUC Minas.

*** Mestre em Educação e Professora da PUC Minas

ticas do autismo, antes dos três anos de idade, e além do comprometimento nas áreas de interação interpessoal, comunicação e comportamento, os indivíduos autistas apresentam atividades e interesses restritos, movimentos repetitivos e estereotipados, medos, fobias, alterações do sono e da alimentação, ataques de birra e agressão. A auto-agressão é comum em casos de retardo mental grave associado ao autismo.

Grande parte dos pacientes autistas tem uma motricidade perturbada pela manifestação intermitente ou contínua de movimentos repetitivos e complexos (estereotipias). Os mais típicos envolvem as mãos e os braços, mexendo-os frente aos olhos ou batendo palmas no mesmo ritmo, independente do momento ou espaço em que se encontram. Balanço do tronco e o corpo inteiro, além de bater a cabeça repetidamente, também são condutas observadas (SALLE et al., 2002).

Segundo Salle et al (2002), para o autista, a linguagem não tem tanto valor de comunicação, geralmente se caracteriza por uma ecolalia imediata e/ou retardada, repetição de frases estereotipadas, inversão pronominal (utilização do pronome “ele” quando a significação é eu) ou, ainda, uma afasia nominal. Algumas dessas crianças conseguem reter perfeitamente as palavras de uma canção, sendo frequente a cantarolar.

A partir da década de 1970, na Europa, e de 1980, no Brasil, a educação começou a ser destacada como uma alternativa para esses sujeitos, tornando-se importante verificar as suas habilidades e dificuldades (LIMA, 2006).

O maior problema em ensinar crianças autistas é a sua dificuldade de generalizar o que aprendem. A criança pode aprender a abotoar os botões de seu casaco, mas não perce-

ber que as mesmas ações são necessárias para os botões de seu pijama. O mundo tem que ser construído para ela, tijolo por tijolo (GAUDERER, 1985).

Por vários aspectos diagnósticos apresentados por essas crianças, que costumam se tornar aparentes antes de 3 anos de idade, a educação das mesmas se torna complexa. Essa complexidade se dá principalmente pelo fato de que o autista apresenta dificuldade de desenvolver relações sociais e estabelecer a comunicação com o outro.

Há um isolamento por parte do autista, que o impede de desenvolver relações pessoais e essa dificuldade pode ser observada durante a amamentação. Ajuriaguerra e Marcelli, citados por Salle et al. (2002, p. 13), salientam que os principais marcos do despertar psicomotor do primeiro ano de vida estão modificados: a ausência de sorriso social (terceiro mês) e ausência de reação de angústia diante do estranho (oitavo mês).

Cada indivíduo autista pode apresentar um nível diferente de comprometimento que pode variar de profundo déficit na interação social, até formas sutis de difícil diagnóstico. A gravidade dessas anormalidades pode variar também em função do grau de Retardo Mental associado. (PINHEIRO; CAMARGOS JÚNIOR, 2002).

A distração, as dificuldades organizacionais, os problemas em sequenciar, a falta de habilidade em generalizar, a dificuldade de comunicação e os comportamentos repetitivos e estereotipados dificultam a educação dos indivíduos com Autismo Infantil.

A proposta da construção de uma agenda da rotina diária do autista teve como referência o método TEACCH (Treatment and education of autistic and related communication handicapped children). Esse método foi

criado em 1972, na Carolina do Norte, e tem como objetivo apoiar a pessoa com autismo em seu desenvolvimento para ajudá-lo a conseguir chegar à idade adulta com o máximo de autonomia possível (MARQUES 2002). O método se baseia na adaptação do ambiente com o objetivo de favorecer a compreensão do local onde vive e do que se espera dela. Esse método favorece a aprendizagem de novas habilidades, incentiva a independência e a autoestima, reduz comportamentos inapropriados que resultam em confusão, ansiedade e hiperestimulação. (TULIMOSHI, 2004).

A proposta de intervenção ora apresentada visou beneficiar uma associação de pais de pessoas especiais, situada na cidade de Belo Horizonte, que recebe, em sua maioria, adultos autistas com outras deficiências associadas. Essa associação foi criada por pais de autistas e conta com a ajuda dos “cuidadores” para auxiliar essas pessoas com deficiência a realizar as atividades de vida diária.

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), sob o código 5162, define o cuidador como alguém que “cuida a partir dos objetivos estabelecidos por instituições especializadas ou responsáveis diretos, zelando pelo bem-estar, saúde, alimentação, higiene pessoal, educação, cultura, recreação e lazer da pessoa assistida”. (BRASIL, 2008).

Nessa perspectiva, o cuidador participa ativamente da vida da pessoa que está sendo assistida e exerce grande influência no comportamento da mesma. Então, requer que o cuidador, na assistência à pessoa com deficiência, assumo o compromisso de contribuir para a autonomia desta, orientar com paciência e acreditar nas possibilidades da mesma.

Conhecendo as características e necessidades do autista em questão e a ausência de recursos que possibilitem a comunicação das

tarefas a serem realizadas pelo autista na associação pesquisada, esta proposta de intervenção buscou elaborar uma agenda da rotina desse indivíduo nesse espaço, para facilitar a compreensão do mesmo acerca das atividades a serem desenvolvidas por ele e ajudá-lo a se tornar mais independente no seu meio de convivência social.

Este trabalho teve como objetivo favorecer a compreensão do autista acerca das atividades diárias a serem realizadas e também conhecer a realidade do autista na associação, no que se refere ao comportamento, à comunicação e à independência na realização das atividades; conhecer a sequência das atividades diárias propostas pela associação; elaborar uma agenda que favoreça a compreensão do autista acerca das atividades a serem realizadas diariamente; acompanhar o uso desse recurso pelo cuidador e pelo autista e avaliar a contribuição desse recurso para o desempenho do autista.

2 INDICAÇÕES METODOLÓGICAS

O local da intervenção é uma entidade assistencial, sem fins lucrativos, fundada em 2004 com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência. Atende adultos autistas com outras deficiências associadas, como retardo mental e hiperatividade e um adulto com Síndrome de Down.

A administração da associação é composta por mães de autistas que moram ou frequentam a casa e se propõe a oferecer apoio às mães desses adultos que, na maioria dos casos, foram abandonadas pelos maridos, precisam trabalhar e não têm com quem deixá-los. Algumas são idosas e não têm condições físicas e mentais para cuidar de um filho e existem ainda situações em que o próprio autista não

consegue se adaptar em casa com seus familiares.

Atualmente, a associação conta com 15 cuidadores, 4 deles com curso técnico de enfermagem, sendo responsáveis pela medicação das pessoas que permanecem na casa. Quanto aos demais, alguns fizeram curso de cuidador e outros, embora não tenham formação específica, desempenham esse ofício há muitos anos. Os cuidadores da casa cuidam da alimentação, higienização e medicação desses adultos, que apresentam carência nas atividades de autocuidado.

A intervenção foi realizada com um adulto autista de 26 anos, residente da associação, com diagnóstico de autismo associado a retardo mental. O mesmo não apresenta uma linguagem organizada para expressar seus desejos e necessidades, como pedir água ou usar o banheiro.

Ele permanece na casa de segunda a sábado e estuda em uma escola especial no turno da tarde. Por meio do seu portfólio escolar, foi possível identificar que, nas atividades de colagem, ele demonstra problemas no desenvolvimento da coordenação motora, seus desenhos são rabiscos, que aparentemente não apresentam uma intenção de forma. Mostra-se totalmente dependente dos cuidadores para a realização das atividades de vida diária, como tomar banho, fazer higiene pessoal e outras. Para a realização dessas, faz-se necessário ser conduzido pelos cuidadores.

A representação dessas atividades na agenda buscou estabelecer a comunicação com ele a respeito da sua rotina e levá-lo a compreender as atividades propostas para o dia. Por meio de conversas com a presidente da associação e com os funcionários e visitas

no local, foi possível conhecer as dependências da casa, observar o comportamento desse adulto no tempo em que permanece na instituição e conhecer a rotina da casa proposta para ele. Por meio da observação, foi possível conhecer as suas características e seu comportamento.

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. (MARCONI; LAKATOS, 2007).

A intervenção iniciou-se a partir das conversas com a presidente da associação e com os cuidadores a respeito da rotina diária proposta para o autista que está sendo beneficiado com esta intervenção, além de informações a respeito do funcionamento do recurso proposto. A agenda foi confeccionada e apresentada à presidente da associação e aos cuidadores para que os mesmos fizessem a apreciação do recurso e, se necessário, pontuassem observações e mudanças a serem feitas, objetivando assegurar a eficácia do mesmo. Após esse procedimento, a agenda foi entregue aos cuidadores e eles foram orientados sobre o uso e a importância do recurso.

Na agenda, consta a foto e o nome da pessoa na primeira página e, nas demais páginas, as fotos na sequência indicando as atividades de vida diária e as específicas de cada dia da semana, como a caminhada, a equoterapia*, o passeio ao clube, a ginástica especializada realizada em uma instituição educacional e a ida para a casa de sua mãe. O uso da agenda implica a contribuição do cuidador, pois este deverá obter a atenção do autista e, com ges-

* É definida pela Associação Nacional de Equoterapia como um método terapêutico e educacional, que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

tos, deverá apontar a foto e falar a atividade a ser realizada naquele momento. Pensando na eficácia do recurso, preocupou-se em reduzir nas fotos a presença de estímulos visuais não considerados importantes para determinada atividade e optou-se pelo uso de um fundo escuro, buscando concentrar a atenção do autista na atividade apresentada.

Inicialmente, foi confeccionado um mural com objetos concretos representando as atividades a serem realizadas diariamente, mas, em função de a casa atender mais pessoas com deficiência e interesses específicos, impossibilitou o funcionamento desse recurso, já que alguns deles poderiam retirar os objetos do mural. Diante dessa situação, foi necessário repensar o recurso, o que gerou a elaboração da agenda.

Durante dias foi feito o acompanhamento desse autista, com a finalidade de fotografar os momentos em que o mesmo executava as atividades. Além do fato do primeiro recurso não apresentar funcionalidade em decorrência dos fatores ambientais, a construção do segundo recurso encontrou vários obstáculos, como a impossibilidade de acompanhamento para fotografar, fenômenos naturais como chuva nos dias das atividades no clube e dias de equoterapia e outros fatores relacionados aos locais onde se realizavam as atividades. Esses fatores comprometeram a data de entrega da agenda. Com a implementação do recurso, foi feito o seu acompanhamento, buscando avaliar e observar os resultados obtidos com essa proposta.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro contato do autista com a agenda desencadeou reações de irritação e agressividade. Quando foi apresentada a ele

sua foto na página inicial da agenda, ele apenas olhou sem apresentar qualquer manifestação; ao apresentar-lhe a foto do banheiro e orientá-lo verbalmente a ir ao banheiro, ele se mostrou irritado, levantou-se imediatamente, fechou a porta do banheiro e foi à cozinha, insistindo em tomar café, mas foi impedido pelo cuidador, já que não é costume da casa oferecer café aos adultos especiais. Este comportamento de insistir em tomar café era frequente quando ele começou a frequentar a associação, mas posteriormente esse autista foi se acostumando com a determinação da instituição e há muito tempo não apresentava esse comportamento. De acordo com os relatos dos cuidadores e da administração, esse comportamento é frequente, quando esse autista vai para sua casa no fim de semana e, de acordo com os relatos da mãe à administração, é sempre agredida por ele.

O estímulo desde a infância é um fator indispensável ao desenvolvimento do indivíduo, quanto mais cedo o indivíduo for estimulado, menores serão os impactos da doença no seu desenvolvimento. A questão do uso do banheiro pode ser um aspecto traumático para esse adulto que, até os 24 anos, usava fraldas. O uso do banheiro está sendo trabalhando com ele na associação há dois anos, já houve progresso, mas a situação ainda permanece crítica, pois constantemente ele continua a urinar na roupa ou, quando é conduzido ao banheiro pelos cuidadores, coloca os dedos na região anal, o que provoca um sangramento.

Na segunda tentativa de mostrar-lhe a foto do chuveiro indicando a hora do banho, ele começou a morder as mãos e direcionou-se ao cuidador com agressividade. Segundo estudiosos, a autoagressão é comum em casos de retardo mental grave associado ao autismo. Esse comportamento também pode ser

uma consequência das dificuldades de comunicação do autista, pois, segundo Glat (1993), aqueles autistas que aprendem a falar e a entender alguma linguagem têm tendência a se tornarem mais amistosos e sociáveis.

No decorrer de outras tentativas de apresentação das fotos, ele ainda se mostrava irritado e resistente ao uso da agenda. Este é o primeiro contato desse autista com um recurso que abrange a estruturação de ambiente e a comunicação alternativa.

A hipótese norteadora de que a representação da sequência das atividades favoreceria a compreensão do autista acerca das atividades diárias ainda não se confirmou neste curto prazo de intervenção. Assim como os sintomas da doença podem se manifestar de formas distintas em cada indivíduo, estudos mostram que o tempo de utilização espontânea de um recurso de comunicação alternativa pelo autista pode variar de pessoa para pessoa.

Procurando descrever os resultados da utilização espontânea de um sistema de comunicação alternativa por 31 crianças diagnosticadas com autismo ou outros transtornos do desenvolvimento, com idade entre 3 e 6 anos, Schwartz, Garfinkle e Bauer relatam que, em média, foram necessários 14 meses, entretanto algumas crianças aprenderam em 3 meses e outras, em 28 meses. O recurso introduzido por esses estudiosos se refere ao Picture Exchange Communication System (PECS), um sistema de comunicação voltado a crianças diagnosticadas com transtornos de desenvolvimento. (SCHWARTZ; GARFINKLE e BAUER apud KENYON; KENYON; MIGUEL 2002, p. 181).

Nesses trinta dias de contato com a agenda, o autista ainda se encontra em processo de adaptação com o recurso. A aceitação do recurso pelo autista também requer uma dedi-

cação por parte dos cuidadores, que deverão estar dispostos a insistir no uso do recurso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a realidade do autista em questão possibilitou conhecer sinais que são característicos do autismo, como o mutismo, o balanceio de tronco, os movimentos constantes de girar a cabeça para um lado e para o outro e movimentos repetitivos em bater as mãos e girar objetos.

A agressividade e a autoagressão são algumas das formas que esse adulto encontra para comunicar que discorda de alguma atividade que lhe é imposta. A dependência desse autista na realização das atividades de vida diária pode ser uma das consequências da ausência de um trabalho específico com ele desde a infância.

Estabelecer uma rotina em locais que atendem autistas é uma das estratégias que podem colaborar para a redução dos níveis de angústia, ansiedade e de distúrbios de comportamentos dessas pessoas.

Os comprometimentos nas áreas de interação interpessoal, comunicação e comportamento foram alguns dos fatores que dificultaram o trabalho pedagógico com o autista. A introdução de um novo procedimento na rotina do autista pode desencadear reações desagradáveis, como a autoagressão e a irritação.

Com esta intervenção, foi possível observar que o trabalho com o autista pode ocorrer a longo prazo, principalmente em casos de retardo mental associado e requer muita dedicação e tolerância, pois a adaptação é um processo complexo e demorado.

Assim como as particularidades do autista interferiram no desenvolvimento desta proposta de intervenção, há de se considerar

as influências do ambiente, como a permanência de outros indivíduos com deficiência e interesses diferenciados no mesmo espaço físico. A idade também pode ser um fator considerável no desenvolvimento de trabalhos com autistas, por isso é aconselhável iniciar uma intervenção o mais cedo possível, uma vez que o diagnóstico seja confirmado.

Cabe ressaltar que o método TEACCH é considerado por estudiosos da área um método eficaz na educação de autistas, acredita-se, pois, que, com a insistência dos cuidadores em usar a agenda, esse adulto poderá responder satisfatoriamente ao recurso, o que contribuirá para o desenvolvimento de sua autonomia na realização das atividades.

Conclui-se que, em função das particularidades da pessoa com autismo, o trabalho com esta requer um tempo maior de intervenção. Indica-se a necessidade de dar continuidade a novos estudos que abranjam a elaboração de recursos de estruturação de ambiente e de comunicação alternativa, que buscam favorecer a compreensão dessas pessoas sobre as atividades diárias, contribuindo assim para o desenvolvimento da autonomia, em contexto escolar ou não escolar, pois a carência desses recursos em instituições que recebem autistas é significativa.

É importante destacar o papel do pedagogo em contexto escolar e não escolar, cuja formação enfatiza o estudo das necessidades educacionais das pessoas com deficiência. O trabalho desse profissional contribuirá para o desenvolvimento global dessas pessoas, já que o mesmo tem conhecimento acerca das particularidades e necessidades des-

sas pessoas com necessidades especiais.

ABSTRACT

This article is a report of an experiment that seeks to promote understanding of autism about the daily activities to be performed. The use of alternative communication, a schedule of routine, was developed to promote understanding, by the autistic, the daily activities. For the person with autism, it is crucial to organize the environment and strategies to reduce levels of distress, anxiety, frustration and behavioral disorders. The intervention was conducted in an association of parents of people with disabilities, located in the city of Belo Horizonte.

KEYWORDS: Autism. Alternative Communication. The TEACCH Method

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da educação na Saúde. Guia prático do cuidador. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, 2008.
- CAMARGOS JÚNIOR, Walter (Coord.). Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio. Brasília: AMES/ABRA, 2002.
- DELIBERATO, Débora. Comunicação alternativa: recursos e procedimentos utilizados no processo de inclusão do aluno com severo distúrbio na comunicação. 2005. Disponível em: <<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%204/comunicacaoalternativa.pdf>> Acesso em: 15 out. 2009.
- GAUDERER, E. C. Autismo década de 80: uma atualização para os que atuam na área, do especialista aos pais. São Paulo: Savier, 1985.
- GLAT, Rosana. O pensamento de Lorna Wing. In: GAUDERER, E. C. Autismo. 3. ed. São

- Paulo: Atheneu, 1993. p. 109-138.
- GRACIANO, Maria Inês Gândara. Construindo espaços: a história das associações de pais e portadores de lesões labiopalatais e a contribuição do serviço social. *Serviço Social e Realidade*, Franca, v. 12, n. 1, p. 45-68, 2003.
- KENYON, Paula Braga; KENYON, Shawn E.; MIGUEL, Caio Flávio. Uma introdução ao sistema de comunicação através de troca de figuras (PECS). In: CAMARGOS JÚNIOR, Walter (Coord.). *Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio*. Brasília: AMES/ ABRA, 2002. Cap. 29, p.177-183.
- LIMA, Priscila Augusta. *Educação inclusiva e igualdade social*. São Paulo: Avercamp, 2006.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MARQUES, Marli Bonamini; MELLO, Ana Maria S. Ros. TEACCH-Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children. In: CAMARGOS JÚNIOR, Walter (Coord.). *Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio*. Brasília: AMES/ ABRA, 2002. Cap. 22, p. 144-147.
- MELLO, Ana Maria S. Ros. *Autismo: guia prático*. 2. ed. Brasília: CORDE, 2001.
- MIURA, Regina. *Perspectivas para o atendimento educacional de pessoas com necessidades educacionais especiais por meio do Currículo Funcional Natural*. In: ENCONTRO NACIONAL DAS APES, 4, 2004, Belo Horizonte. Anais .. Belo Horizonte: APAE, 2004.
- MONTE, Francisca Roseneide Furtado do; SANTOS, Ide Borges dos (Coord.). *Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: autismo*. Brasília: MEC, SEESP, 2004.
- PINHEIRO, Maria Isabel dos Santos; CAMARGOS JÚNIOR, Walter. *A teoria da mente e aplicação nos portadores de transtornos invasivos do desenvolvimento*. In: CAMARGOS JÚNIOR, Walter (coord.). *Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio*. Brasília: AMES/ ABRA, 2002. Cap. 11, p. 64-75
- SALLE, Emílio et al. *Autismo infantil: sinais e sintomas*. In: CAMARGOS JÚNIOR, Walter (Coord.). *Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º Milênio*. Brasília: AMES/ ABRA, 2002. Cap. 1, p. 11-15.
- SCHWARTZMAN, José Salomão; ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F.B. *Autismo infantil*. São Paulo: Memnon, 1995.
- SPINELLI, Mauro. *Foniatría: Introdução aos distúrbios da comunicação: linguagem, audição*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- STEINER, Carlos E; GUERREIRO, Marilisa M.; FARIA, Antônia P. Marques. *Autismo: um diagnóstico também da Pediatria*. *Pediatria Moderna*, São Paulo, v. 35, n. 5, p. 279-286, maio 1999.
- TULIMOSHI, Maria Elisa Granci Fonseca. *Possibilidades pedagógicas para o aluno autista*. In: ENCONTRO NACIONAL DAS APES, 4, 2004, Belo Horizonte. Anais .. Belo Horizonte: APAE, 2004.